

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Zero Hora Class.: 444

Data: 28.11.68 Pg.: _____

Esta é a triste verdade.

NOSSOS POBRES ÍNDIOS BEBEM MUITA CACHAÇA

Nossos índios vivem em toldos. Bebem muita cachaça, a alimentação é ruim. Conhecem muito pouco os confortos da vida moderna. São marginais em suas reservas. A conclusão é de um levantamento efetuado pelos padres Thomas de Aquino Lisboa, Egidio Shwade e Hans Born. Os dados correspondem a julho do ano passado e são estereotípicos. Agora, os indígenas gaúchos estão sob a proteção da Fundação Nacional do Índio. A situação é a mesma, só miséria.

FAMILIAS

Trezentas e vinte três famílias foram catalogadas. São 1.379 índios, assim distribuídos: até seis anos, 161 meninos e 162 meninas; de sete a 15 anos, 122 meninos e 152 meninas; de 16 a 25 anos, 124 rapazes e 183 moças; de 26 a 35 anos, 90 homens e 95 mulheres; de 36 a 50 anos, 76 homens e 87 mulheres; de 50 anos em diante, 53 homens e 36 mulheres.

ESCOLA

Das 275 crianças existentes, só 128 — 60 meninos e 68 meninas — frequentam escolas. O número de famílias que moram em casas é de 111. Depois, 144 moram em malocas que, na maioria, são de uma só peça. De todas as moradias, 170 são de chão batido e 130 famílias foram encontradas dormindo no chão. Casas com instalações sanitárias há somente 56.

No tocante aos bens dos índios, os mais importantes são rádios, cadeiras, mesas, bancos, armários, mesas e implementos agrícolas — como, foices, machados, enxadas, arados e plantadeiras. Em 68 famílias foram encontradas pessoas doentes.

ALIMENTAÇÃO

A alimentação em geral se reduz ao «revirado», que é uma mistura de farinha de milho, feijão, algumas vezes carne. Também é comum a polenta, a batata doce, mandioca e o arroz. Mas nem sempre eles têm o que comer. A situação varia de posto para posto. Em alguns, a situação é boa. Em outros, é miserável.

A produção de milho é o mais explorado, seguindo-se o feijão, trigo, mandioca, batata doce, soja e frutas em geral. A criação de animais e aves também é bastante cultivada no meio indígena. As galinhas estão em primeiro plano, mas há também alguns porcos, patos, cavalos, vacas. Um número de 52 famílias utiliza o cavalo como meio de transporte, três usam carroça e cavalo e apenas uma família possui bicicleta. As demais, não possuem condução.

TOLDOS

O toldo Vontouro-Guarani, de São Valentim, é dividido em três seções: a dos guaranis dos caingangues (índios originários de Ventarra, de Getúlio Vargas) e a dos coroados. O grande problema encontrado aí é a bebida. Homens e mulheres bebem muita cachaça e a família é desorganizada.

O posto Paulino de Almeida de Tapejara, é o mais organizado do do Estado. Os índios são caingangues e se integram bastante no meio dos brancos. Têm escolas, campo de futebol e o time da localidade já levantou vários troféus disputados com as equipes das redondezas. Para as horas de folga, há um salão de bailes onde eles dançam e escutam os tocadores de gaita. E para facilitar a vida há uma oficina, uma cooperativa e um moinho.

Já no posto Cacique Doble, a situação é regular. Lá vivem 48 famílias, num total de 180 pessoas. Predominam as moradias de chão batido e não existem instalações sanitárias. A comida é só café com «revirado». Das 45 crianças em idade escolar, apenas 11 estão na escola.

O posto de Nonoai é dividido em várias seções: Rio dos Índios, Lajedo Grande, Hervalzinho, Bananeira, Porongos e a dos guaranis. De todas as que apresentam melhores condições para futuro desenvolvimento são as de Bananeira e Porongos, que têm terras férteis. Mas há uma grande falta de interesse dos índios pelo seu próprio trabalho.

pois são desprezados e explorados pelo branco. As crianças não recebem nenhuma educação e há um grande índice de mortalidade infantil. Além do vício da bebida, eles são indolentes, pela falta de orientação e alimento adequado.

Na seção dos guaranis, que se localiza a seis quilômetros da estrada Nonoai-Frai existe apenas uma família de intrusos. Mas os índios são os mais abandonados do toldo. Mudam frequentemente de casa e de mulheres. Trabalham fora, para ganhar o sustento. Vivem de forma primitivíssima. Não há criação de espécie alguma e seus cachorros são tão magros que mal se sustentam em pé.

A cadeira é algo que os índios guaranis não conhecem. Quando faz frio, eles ficam dentro do rancho, ao lado da fogueira, com os pés na cinza. O seu maior desejo é voltar para as suas ter-

ras no Paraguai e juntar-se ao povo que fala a sua língua, o Guarani. A mortalidade infantil tem um índice bastante elevado. Em cada 100 crianças, 57 chegam aos 10 anos. E eles já perderam as esperanças de melhorar de vida.

Só duas famílias indígenas, com sete pessoas, vivem ainda na seção de Rio Mblo. O resto, são intrusos. Esses poucos índios que ainda estão lá são procedentes de Rodeio Bonito e vivem em completa miséria. Não possuem nenhum objeto de uso pessoal, comem e dormem no chão e bebem água de uma vertente. Esta seção quase não influi no cômputo geral do toldo de Nonoai. Mas, mesmo assim, este é o pior de todos os postos existentes. Lá, o índio não é considerado gente pelo branco. Como, aliás, em quase todos os outros, onde ele é explorado e maltratado.

